

FIM DOS TEMPOS

Todo término de ano é assim: a proximidade do encerramento de mais um ciclo solar nos traz certa necessidade de fazer um balanço, e não raro a idéia de fim acaba por tomar conta de muitas das nossas avaliações. Com 2005 não foi diferente, e o fim que se destaca, em letras garrafais, quando se rascunha o Almanaque do ano, é o de um partido que outrora guardava as esperanças de mudança de boa parte da população. E fim aqui não quer dizer acabamento, fechamento, dissolução enquanto máquina partidária, capaz de conquistar mandatos e gerir governos, mas esgotamento, esgarçamento, exaustão enquanto concepção e prática políticas transformadoras. Construído com suas próprias mãos, mentes e algibeiras, esse melancólico processo tem sido espetacularizado ao máximo pela direita brasileira, representada não apenas pelos tradicionais partidos da reação (leia-se PSDB, PFL e PMDB) como também por alguns outros ditos de esquerda, todos comprometidos na missão de demonstrar para a opinião pública dessa imensa Nação que “ao lado de Lula não fica ninguém honesto”, “todos os partidos são iguais” etc.

Não pretendemos aqui ignorar ou justificar nenhuma das abundantes evidências de fisiologismo, clientelismo, má condução política, gestão ineficiente ou corrupção mesmo do governo federal nestes três anos. Mas é inegável também, e sobretudo, a seletividade na divulgação das denúncias ou mesmo dos fatos já comprovados. Na Bahia, por exemplo, a edição inteira de uma revista deixou de circular ou foi adquirida previamente por trazer investigações minuciosas do desvio de verbas da Bahiatursa, empresa de turismo do governo estadual pefelista (muito superior ao do escândalo do mensalão, diga-se de passagem). No âmbito nacional, os senadores do tucanato passam igualmente incólumes, ou quase, a exemplo dos senadores Eduardo Azeredo e Álvaro Dias, este envolvido até o pescoço no escândalo das privatizações do governo FHC, aquele o legítimo idealizador e primeiro beneficiado do valeriodouto.

É que mesmo com toda sua orientação neoliberal, com todas as concessões feitas ao capital especulativo nacional e internacional, enfim, com toda a subserviência ao eixo do imperialismo capitalista Estados Unidos-Comunidade Européia-ONU-Banco Mundial-FMI, mesmo com tudo isso, um governo que traz na sua frente uma figura egressa das classes trabalhadoras, operário e combativo sindicalista, não pode ser aceito pelas elites brasileiras, no máximo tolerado temporariamente, por motivos bastante circunstanciais e oportunistas. Mas querer com isso configurar uma nova hegemonia no bloco de poder, abrir possibilidades reais de substituição do comando de setores estratégicos para a reprodução do capital, isso não, isso é inadmissível...

Por outro lado, o fim do ano traz também a investida da mídia em dissolver o único bastião propagandístico do governo atual: seu suposto êxito na condução da política macro-econômica. Assim, fomos envolvidos nos últimos meses numa verdadeira batalha de números, uns anunciando a reversão na tendência de crescimento econômico, outros louvando a redução das desigualdades sociais. Uma vez mais, a seletividade é primorosa: moralidade, transparência e ética, de um lado, e ineficiência, incompetência e nepotismo, de outro, bailam freneticamente aos nossos olhos, a ponto de deixar vesgo qualquer cidadão que pretenda perceber o mundo através das orientações básicas até então válidas, como esquerda-direita, atrasado-moderno, conservador-revolucionário etc.

Contudo, não é desse fim de mundo, fim dos tempos, fim de tudo, que iremos tratar, com seus índices conflitantes, imagens excludentes, depoimentos discrepantes. O que queremos chamar a atenção aqui é para o estado de conflagração (e contradição) que grassa a sociedade brasileira de baixo, suas classes populares, pouca importa se estamos falando de miseráveis com fome, pobres sem emprego, remediados superexplorados, pretensos micro-empresendedores das favelas, terceirizados sempre no fio da lâmina, camponeses sem crédito.

Ao contrário do que ocorria até não muito tempo atrás, coisa de duas décadas, esse quadro de dissolução não é mais exclusividade da metrópole, sequer da cidade grande ou média: ele é geral. Estejamos no Sul Maravilha ou no Nordeste Subdesenvolvido, no Centro-Oeste Promissor ou no Norte Distante, o cenário apresenta-se idêntico, diferenciado apenas pelos contornos específicos de cada local, que podem condimentar de maneira singular mas não alteram substancialmente o sabor da realidade. Pobreza, violência (física e institucional), racismo, narcotráfico, desemprego, educação de péssima

qualidade, saúde ainda pior, esse o cardápio do brasileiro e da brasileira, de norte a sul, de leste a oeste.

Basta andar por qualquer bairro popular de Salvador, da periferia ou mesmo do centro, para escutar coisas do tipo: “*A droga é minha vizinha. Só no bairro já contei 63 jovens que crescerem junto comigo e hoje estão envolvidos com o tráfico*”. E se a gente sai da cidade grande e vai para um distrito do interior da Bahia, que nem município é ainda, o relato é igualmente assustador: “*Agora eles botam crianças branquinhas de 9, 10 anos pra passar a droga, porque as crianças negras já estão muito visadas*”.

Enquanto isso, o verde criminoso do agronegócio avança implacável sobre o Deserto Brasil, concentrando a terra, forçando a migração, alimentando os bolsões de miséria, escravizando gente, acumulando riqueza, condenando a juventude, feminina e masculina, negra, índia e branca (em menor medida essa) a ser mais um número nas estatísticas perversas, mais uma imagem a justificar políticas repressoras de segurança, mais uma ou duas frases no discurso retórico que conduzirá à (re)eleição o parlamentar da oposição como da situação.

Diante disso, duas alternativas parecem povoar a cabeça do povo. Uma reafirma que o que estamos vivendo é o fim do mundo mesmo, não tem jeito, de maneira que cada um cuide do seu! Outra reconhece que estamos no limite, que não dá mais para esperar, ficar só falando, que é chegada a hora de partir para a ação direta e radical... Descartando a primeira via como construtora de um mundo melhor (ainda que não a desprezando enquanto indicador de um tipo de consciência popular), cabe-nos colocar a serviço de todas as pessoas, grupos e comunidades comprometidas com a via da ação.

Como construir esse caminho? A partir da experiência que emergiu da periferia da Europa meses atrás, quando a população excluída sufocou o centro de diversas metrópoles com suas ações arrojadas e contundentes? Ou pela estratégia quilombola, mais afeita à nossa tradição afro-ameríndia, que prefere erigir na própria periferia comunidades autônomas, ao invés de insistir na tomada do poder apodrecido dos centros? Ou, ainda, a saída esteja na combinação intencional dessas duas vias e outras mais que surjam? Seja qual for a opção histórica feita, o que não podemos é cometer os pecados capitais envolvidos no apoio de entidades às lutas populares. Um, o mais grave deles, reside em ocupar o seu lugar, assumir seu protagonismo, almejar ser portavoz, como o fizeram uma parte considerável das instituições das últimas décadas, primeiramente partidos e sindicatos, mais recentemente ONGs e

associações, supostas vanguardas da transformação social. O segundo desvio, menos letal mas igualmente prejudicial à causa popular, consiste em eximir-se do papel de parceiros destas pessoas e grupos no sentido de favorecer-lhes ao máximo a percepção enquanto sujeitos de suas ações e destinos, portadores de valores e direitos, enfim, efetivos autores de sua história.

E então, quem sabe, descobriremos, surpresos mas aliviados, que o tempo do fim não é assim o fim dos tempos, é a explicitação, pelo menos conjuntural, das contradições sociais básicas. Como, aliás, já o sabiam os antigos gregos e romanos, que não à toa consagraram o primeiro mês do ano a *Janus*, deus das portas e portões, com suas duas faces, uma voltada para o passado, outra para o futuro. E também os incas, para quem o “*criador das coisas*”, Viracocha Pachayachachi, instituiu o mundo num primeiro ensaio sem luz, sol ou estrelas, mas logo depois cuidou de garantir a perpetuação da humanidade, ordenando que o sol, a lua e as estrelas brilhassem e ocupassem seu lugar no vasto firmamento. Para não falar do inquite *Tempo*, implacável e inexorável governante do Tempo e do Espaço, que acompanha e cobra o cumprimento da missão de cada um e nos ensina que o ciclo vital não muda com o transcorrer da eternidade. A propósito, o povo é quem diz: “*o tempo dá, o tempo tira, o tempo passa e a folha vira*”.

CADERNOS DO CEAS